

Mestranda em Ciências Sociais
no PPCIS, Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Rio
de Janeiro, Brasil.

Universidade Federal
do Maranhão, São Luís,
Maranhão, Brasil.

**HALINA RAUBER-BAIO
MARTINA AHLERT**

DA MATERIALIDADE SUFOCANTE AO CORPO INFORMATIZADO: UMA DANÇA EM ESPIRAL ENTRE CORPORALIDADE E EXISTÊNCIA CIBORGUE¹ A PARTIR DE UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO FILME *GATTACA*

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, tecer algumas das possíveis relações entre corpo e tecnologia no filme de ficção científica *Gattaca*, a partir de certos debates antropológicos contemporâneos sobre o corpo. Para tentar deixar mais nítidas tais relações e seus entrecruzamentos, questionamos quais representações e discursos sobre corporalidade são apresentadas em *Gattaca*, dando ênfase à informatização dos corpos que opera no contexto do filme e a associando às ideias de Donna Haraway e David Le Breton. Como veremos, por mais que, em um primeiro momento as perspectivas desses autores pareçam opostas, suas lógicas de pensamento, em alguns casos, caminham em paralelo.

palavras-chave

Antropologia do corpo; Cinema;
Ciborgue; Informática da
dominação; Corpo.

1. O termo “ciborgue” é utilizado no sentido trabalhado por Donna Haraway, como ficará evidente na sequência do texto.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos lançar um olhar antropológico ao filme *Gattaca*², de modo a trazer à tona, dentre as inúmeras discussões possíveis, aquela concernente à informatização dos corpos dos/das personagens, bem como a reflexão sobre como uma espécie de debate que se delineia no filme é paralela a certas discussões sobre corpo na Antropologia contemporânea.

Considerando o cinema não como réplica, mas como via possível de compreensão do cotidiano, além de propulsor e reprodutor de uma série de significados que são compartilhados por uma determinada coletividade – ou seja, compreendendo filmes como formas de projeção de imagens de comportamento e interação estruturadas socialmente – situamo-nos, tal como Rose Hikiji (2012), como “antropólogas-espectadoras”. A metodologia aqui utilizada é a análise etnográfica do filme e, nesse sentido, relacionamo-nos com outras abordagens na antropologia que têm discutido a partir do cinema (Adelman et al 2011, Leirner 1992, Muri 2003). É através das “lentes conceituais” antropológicas que pretendemos perscrutar as relações estabelecidas com o corpo no filme de ficção científica *Gattaca*. Assim, a elaboração de significados, as relações entre os/as personagens, as valorizações e desvalorizações de elementos físicos, as atribuições de sentido àqueles que têm corpo modificado por intervenção tecnológica, têm importância significativa para explorar as formas nas quais as relações com o corpo se dão no nosso cotidiano (de uma perspectiva ocidental contemporânea). Questionar-se a partir do enredo fílmico é também se questionar sobre si mesmo(a), inserido(a) nesse contexto ocidental, de forma que a ficção científica, enquanto imaginação de um futuro, não está descolada do contemporâneo; ela funciona, talvez, como exacerbação, como hipérbole criativa do presente, hipertrofiando reflexivamente possibilidades do mundo.

Dessa forma, para tentar deixar mais nítidas as relações e os entrecruzamentos que podem ser estabelecidos entre o enredo fílmico e debates contemporâneos sobre o corpo, questionamos quais representações e discursos sobre o corpo são apresentados em *Gattaca*. Para refletir sobre isso, buscamos compreender uma divisão posta no filme, entre o que é tomado como natural e o que é tomado como artificial/implantado nos seres humanos. Além disso, procuramos identificar quais aspectos são considerados necessários à condição humana e quais valores lhes são atribuídos na película analisada.

O que se pode observar no filme diz respeito, de forma geral, a uma concepção de condição humana que tem como pilar essencial a não interferência tecnocientífica nos corpos (e onde essa interferência é vista como voltada ao corpo de uma maneira superlativa). A princípio, no enredo fílmico, os perso-

2. Título no Brasil: *Gattaca – A experiência genética*.

nagens que possuem sua constituição física alterada são apresentados como humanos aperfeiçoados, nos quais a condição da presença de um corpo fisiologicamente doente não existe mais. Vemos, no entanto, como essas interferências fisiológicas se constituem como uma ameaça àquilo que faz dos humanos “humanos”, sendo necessária a intervenção do personagem principal para que a humanidade (ou ainda, o que é mais necessário à sua condição de possibilidade) não pereça, levando consigo todo o espectro de boas qualidades associado a ela. Nessa trama é possível observar como se constroem determinadas relações entre natureza e cultura, onde a primeira precisa ser protegida para que seja resguardada a condição tomada em *Gattaca* como preciosa: a condição humana. Isso se deve ao atrelamento, no filme, da condição humana a aspectos tomados como dados, como naturais.

Debates em torno do corpo, natureza humana, natureza e cultura são constantes na Antropologia. Se por um lado, na Antropologia clássica, diversos enfoques privilegiaram a cisão entre natureza e cultura - como, entre outros, Durkheim e Mauss (1979), Hertz (1980), Mauss (2003) - e a afirmação de uma unidade básica da humanidade - herança da discussão de autores como Tylor (2005), que alcançam, por exemplo, o trabalho de Boas (2010) -, outras abordagens têm nos provocado a repensar nossa concepção de humano e as fronteiras entre humanos e animais (Geertz 1989, Ingold 1995, Latour 2012). Conectadas a essas discussões estão autores como Donna Haraway (2009) e David Le Breton (2004; 2012) que servirão, no presente trabalho, tanto como referências bibliográficas como interlocutores do debate presente no filme. Enquanto referências, auxiliarão nas reflexões sobre uma série de discursos, práticas, representações e significados atrelados aos usos do corpo e da tecnologia na contemporaneidade. Como interlocutores do debate apresentado, mostrarão diferentes caminhos traçados bem como lógicas de pensamento diante do encadeamento *corpo e tecnologia*. Importante lembrar que Le Breton e Haraway produzem textos distintos em termos de forma e propósito: Haraway constrói um texto manifesto que pretende questionar a ideia de um corpo biológico; já Le Breton escreve um texto teórico e acadêmico sobre o corpo, que se utiliza da perspectiva da autora como material empírico³. Aqui acreditamos que, apesar das diferenças entre as perspectivas, comparadas elas rendem importantes elementos para análise (Strathern 2006).

Para Le Breton, a inserção do uso da tecnologia no corpo está fortemente atada à concepção cartesiana de separação corpo/mente. Tal cisão se contrapõe à das “sociedades tradicionais”⁴, holistas, nas quais o corpo seria

3. Agradecemos os/as pareceristas do artigo que, entre outros elementos, chamaram-nos atenção para a necessidade de esclarecer a comparação entre Haraway e Le Breton.

4. “Sociedades tradicionais” aparece aqui entre aspas porque se refere a um termo utilizado por Le Breton.

um elemento que não apenas relaciona o humano consigo mesmo, mas também com os outros ao seu redor e com mundo (Le Breton 2012). Nesse sentido, o autor chama a atenção para as consequências imprevisíveis (tendendo para negativas) que o rompimento do humano com seu próprio corpo pode ter para o indivíduo e a construção que este faz de si.

Em contrapartida, Haraway (2009) coloca em relevo as possibilidades de subversão que se aliam aos avanços tecnológicos. O que está em questão não é a continuidade ou não da existência humana, mas sim a materialidade sufocante da qual esta seria responsável. Para a autora, se ocorresse o rompimento de fronteiras entre animal-humano, máquina e animal-não-humano, a fluidificação das categorias se tornaria ferramenta libertadora.

GATTACA

Se fosse necessário atribuir três palavras-chave ao filme *Gattaca*, escolheríamos *genética*, *microscópio* e *asepsia* (tanto no sentido de limpeza como no sentido de algo funcional, com detalhes adicionais deixados de lado). Destacamos essas três porque são as que mais perpassam as cenas do filme no que diz respeito aos seus personagens, às relações entre as pessoas e ao cenário, respectivamente. Para pensarmos de forma mais concreta, selecionemos então três cores-chave. As que mais se apresentam no filme e que, de certa forma, dizem respeito a uma determinada característica particular da ideia que perpassa as cenas indicam que *Gattaca* é um filme laranja, azul e branco, tal como as cores de Saturno, planeta presente no enredo, como veremos adiante. Nesse sentido, o cenário é marcado pela utilização de espaços amplos em quase todas as cenas. Seja no escritório de Vincent/Jerome (personagem principal), marcado pela tonalidade azul, seja nas áreas abertas, em que sobressaem as tonalidades alaranjadas, como se o Sol estivesse constantemente se pondo.

A história se passa num futuro “não muito distante”⁵ em uma metrópole a qual não sabemos o nome. Essa característica de pouco se saber sobre onde ou quando se passa a história aumenta, acreditamos, a capacidade de nos imaginarmos naquela situação. Como não há o nome do lugar e o futuro “não muito distante” ganha uma característica de mensurabilidade muito subjetiva, o que se passa no filme pode acontecer com qualquer um, em qualquer lugar.

É nessa sociedade futura que acompanhamos a história de Jerome – que mais tarde, ao longo do filme, descobriremos na verdade se tratar de Vincent, um pesquisador da corporação astronômica *Gattaca*. Ele

5. Ao longo da apresentação do filme, as palavras grafadas entre aspas fazem referência ao vocabulário utilizado na própria película.

tem aproximadamente trinta anos e se encaixa perfeitamente no padrão de beleza ocidental: branco, olhos claros, alto. Jerome, percebemos já no início do filme, é um profissional de excelência. Seu chefe não cansa de lhe fazer elogios e, além disso, ele está prestes a realizar uma “missão de grande prestígio”: uma viagem de um ano para um dos satélites de Saturno, Titã. No entanto, há algo muito específico no personagem de Jerome – na realidade, outra pessoa está se passando por ele. Jerome é, na verdade, Vincent.

Na sociedade futura de *Gattaca*, é uma prática corrente que pessoas que desejam ter filhos(as) façam uma manipulação genética nos embriões. Essa manipulação consiste em selecionar, a partir dos óvulos e dos espermatozoides, as características que se deseja que a futura criança tenha. Isso inclui desde a escolha da cor dos olhos e dos cabelos até a eliminação completa de possibilidade de desenvolvimento de doenças hereditárias, como problemas cardíacos, miopia, calvície e, indo mais além, a manipulação exclui a existência de traços de personalidade que – de acordo com o discurso dos geneticistas do filme – são determinados geneticamente, como a predisposição ao uso de drogas e ao comportamento violento. As pessoas que nascem a partir da manipulação genética são chamadas de “válidos”, enquanto as pessoas que nascem sem a intervenção são chamadas de “inválidos”. Estas são “filhos do amor”, ou ainda “concebidos pela fé”.

Jerome Morrow é um válido. Por isso ele já estava com as boas oportunidades na vida “virtualmente garantidas ao nascer”. Seu DNA aperfeiçoado lhe garante, na sociedade retratada em *Gattaca*, possibilidades ilimitadas de escolha de emprego bem como de relacionamentos. Já Vincent Freeman – que está se passando por Jerome – faz parte do segundo grupo, os inválidos. Ao nascer, a probabilidade de ele morrer de uma doença cardíaca antes dos trinta anos passava dos noventa por cento. Ainda jovem ele desenvolve miopia e, aos poucos vai descobrindo que ser um inválido vai muito além de ter um corpo saudável ou não; diz respeito, profundamente, à forma como se desenvolverão suas relações sociais e possibilidades de emprego.

Vincent almeja, desde a infância, se tornar um astronauta. Seu objetivo de vida é conseguir um emprego como pesquisador e explorador em *Gattaca*. No entanto, apesar de estudar constantemente, Vincent é sempre dissuadido pela sua própria família. Ele simplesmente não possui a menor chance de ser empregado como astronauta em *Gattaca* por conta de sua constituição microscópica, seu material genético. Ele jamais seria aceito porque, na sociedade futura proposta pelo filme, as entrevistas de emprego não são realizadas. Não se busca saber a trajetória de vida ou as habilidades desenvolvidas ao longo da existência dos(as) candidatos(as), visto que a escolha por quem empregar é baseada exclusivamente no exame do material fisiológico do candidato.

É importante salientar que, apesar de prática comum, a manipulação genética não está ao alcance de toda a população. O procedimento, por seu elevado custo, só era possível àqueles(as) que possuíam determinada posição econômica. Coloca-se, pois, uma determinação: só é possível trabalhar em algo que dê um retorno financeiro considerável se o sujeito é um válido e só é possível ser um válido se o sujeito nasceu em uma família financeiramente privilegiada (posto que o custo para a manipulação genética é alto). Dessa forma, o ciclo fica quase completamente encerrado entre ter riqueza material e ser um válido.

A história se desenrola então acompanhando a trajetória de Vincent em busca de se tornar um astronauta. Apesar de seu constante estudo e das inúmeras tentativas, seu material genético inválido o impossibilitava de trabalhar em alguma função que não fosse a de faxineiro. Vincent ingressa em Gattaca com essa função e durante algum tempo trabalha nas naves espaciais, mas apenas limpando-as.

No entanto, determinado a ser um viajante espacial, Vincent procura outras formas de ingressar na corporação astronômica. Considerando que seu material genético é o que lhe impede, ele decide estabelecer um contrato com Jerome – o qual conheceu através de um intermediário –, um válido que, após um atropelamento (mais adiante no filme, descobrimos que não se tratou de um acidente, mas sim de uma tentativa de suicídio) se tornou paraplégico. A semelhança física entre os dois é grande e se torna ainda maior, pois o personagem principal passa por uma série de procedimentos que garantem a semelhança: alteração da cor dos cabelos, uso de lentes de contato e até uma cirurgia de implantação de ossos para ficar na altura de Jerome. Tendo continuamente estudado e, agora, com o material genético de seu parceiro válido, Vincent é admitido em Gattaca – não mais como faxineiro, mas como pesquisador – e toma a identidade de Jerome Morrow em troca de mantê-lo cercado de uma vida confortável.

Tendo se tornado Jerome, o personagem principal faz carreira em Gattaca e é escalado para uma viagem a um dos satélites de Saturno. Tudo corre bem, até que um dos diretores da corporação astronômica é assassinado. Como de praxe, todas as instalações de Gattaca são literalmente aspiradas para o recolhimento de vestígios que possivelmente levassem ao(à) assassino(a). É nesse momento que uma fase crítica da história passa a se transcorrer. Um dos cílios de Vincent (que, a essa altura do filme, está se passando por Jerome) é recolhido e o personagem é prontamente considerado suspeito principal. Por quê? Bom, por mais que Vincent não trabalhasse há meses em Gattaca na sua antiga função de faxineiro, e não houvesse nenhuma ligação entre ele e o diretor assassinado, seus genes apontam “inclinação à violência”. Vincent torna-se praticamente culpado por suspeita. Todas as investigações se concentram em encontrá-lo.

Após Vincent se esquivar continuamente das investigações, a polícia descobre, por fim, que o verdadeiro culpado pelo assassinato era outro diretor de Gattaca, que cometera o crime em virtude da ameaça que a vítima representava para a continuidade de uma das missões da corporação. O diretor assassino, ironicamente – em um dos momentos que é colocado sob suspeita – afirma categoricamente: “Dê uma olhada no meu perfil novamente, detetive. Verá que não tenho propensão à violência” (Niccol 1997).

Interessante perceber que Vincent contorna os tentáculos da dominação, do controle, que o impediam de se tornar astronauta fazendo uso de uma estratégia que envolve se reapropriar das próprias ferramentas de dominação de modo a subvertê-la. O controle que se dá no âmbito microscópico se rompe quando Vincent faz uso do material orgânico de Jerome para atingir seus objetivos.

A INFORMATIZAÇÃO DOS CORPOS E A INFORMATIZAÇÃO DO MUNDO

Pai de Vincent: Você só entrará numa nave se for para limpá-la.
Vincent narrando: Meu pai tinha razão. Não importava o quanto eu mentisse no meu currículo... Meu verdadeiro currículo eram minhas células [...] Eu pertencia a uma nova classe baixa... Não mais determinada por status social ou pela cor da pele. Não. Hoje, a discriminação virou uma ciência (Niccol 1997).

No trecho que inicia este subitem, fica visível a grande importância dada aos genes na sociedade retratada em *Gattaca*. A análise do encadeamento genético dos indivíduos, sua predisposição ou não a doenças, sua aptidão física biologicamente existente e visível a partir das informações contidas em amostras fisiológicas regulam as possibilidades de os indivíduos conseguirem ou não empregos ou mesmo de se relacionarem afetivamente. Ou seja, dessas análises se desdobram tanto um conjunto de estigmas (Goffman 1975), responsáveis por conceituarem um indivíduo como menos hábil ou apto, quanto traços positivados elencados como virtudes.

A importância dada aos genes é fruto, principalmente, da separação do indivíduo do seu próprio corpo, consequência da cisão que, segundo Le Breton (2012), caracteriza o “corpo moderno”. O corpo que é cindido do cosmos, dos outros corpos e de si mesmo⁶. A teia de relações corpo/indivíduo/

6. O indivíduo a) deixa de estar inter-relacionado ao mundo, a partir da matéria que o compõe e que não encontra mais correspondência com outras no Universo, b) deixa de estar relacionado a um grupo, por conta da emergência de uma estrutura social de tipo individualista, e c) deixa de estar relacionado a si mesmo, pois a relação entre o indivíduo e seu corpo passa mais por *ter* um corpo do que ser um corpo (Le Breton 2012).

subjetividade, que antes se atava em todos os seus pontos, passa então por um rompimento que assinala o advento de novas formas tanto de pensar a condição humana como, relacionado a isso, pensar as intervenções que a tecnociência exerce sobre os corpos, as influências e efeitos na forma com que os sujeitos se relacionam.

Le Breton (2004) chama a atenção para o processo de *informatização* pelo qual os indivíduos têm passado. Segundo ele, toda forma de vida, atualmente, tende a ser vista no universo tecnocientífico como uma soma organizada de informação. O mundo animado foi transformado numa mensagem que, ou já foi decifrada, ou está esperando para sê-lo. Essa ideia fica mais palpável se pensarmos em alguns aspectos de *Gattaca*: a informatização no enredo do filme fica visível na forma pela qual os indivíduos são identificados ou ainda classificados. A identificação não passa mais pelo rosto ou pelas digitais, mas pela *informação* genética contida nas substâncias fisiológicas dos sujeitos. A identidade está tão atada à *in-formação* genética – daí o processo de informatização – que, mesmo que o rosto de Vincent seja divulgado como o procurado pelo assassinato de um dos diretores da corporação astronômica, ninguém sequer desconfia dele.

Isso fica nítido na seguinte cena: a investigação está em seu auge e, em todos os monitores dos computadores da corporação astronômica, está sendo exibido o rosto do inválido procurado, no caso, o de Vincent. Um dos diretores de *Gattaca* se aproxima da mesa de Vincent (que está se passando por Jerome) e o pergunta sobre uma informação na tela do computador, logo acima do aviso de “procurado”. O diretor fica cara a cara com a foto do suspeito e com o suspeito em si e, no entanto, de nada desconfia. O diálogo é apenas:

Diretor: — Esta é a rota de aproximação que tínhamos discutido?

Jerome/Vincent: — Certamente, diretor.

Diretor: — Muito bem. Muito bem (Niccol 1997).

Se outrora o nascimento do individualismo ocidental coincide com a promoção do rosto como sinal da singularidade do humano em relação aos outros, símbolo máximo de seu corpo como posse (Le Breton 2012), agora o individualismo não está mais atrelado à face, a identificação não é mais feita por uma foto 3x4 – o que se observa não é mais a cor dos olhos e do cabelo, o formato do nariz ou o desenho das sobrancelhas, mas sim a informação genética, a predisposição ou não a doenças, a possibilidade ou não de tendência à violência. A identificação passa do externo, material e visível no presente para o interno, microscópico e provável no futuro. Os corpos passam assim a ser informatizados. À informatização dos indivíduos soma-se a capacidade científica de mensurabilidade. Tudo está previamente determinado a partir da genética,

como fica nítido no diálogo entre um dos diretores de *Gattaca* e um dos investigadores do assassinato – quando o primeiro está explicando a “filosofia de recrutamento”⁷ da corporação astronômica:

Diretor: — Corpos e mentes perfeitos são essenciais... Para irmos mais e mais longe!

Policial: — E você os monitora de perto.

Diretor: — Para que eles rendam o máximo de seu potencial.

Policial: — E excedam?

Diretor: — Ninguém excede seu potencial.

Policial: — E se excedesse?

Diretor: — Isso apenas significaria... Que não o tínhamos medido corretamente (Niccol 1997).

O próprio Le Breton (2004) cita *Gattaca* como fonte de reflexão sobre a redução do ser humano como um todo, sua trajetória e suas experiências, a um simples dado genético:

In Andrew Niccol's *Gattaca*, two worlds co-exist. An elite is made up of men and women who are the result of *in vitro* fertilization and whose genes have been carefully selected with the aim of creating a perfect 'product' in terms of intelligence, health, beauty, etc. The rest of the population, born without medical control, are thought of as inferior products and are destined for relatively menial tasks. When the main character goes for a job interview, the company does not ask about his qualifications or his reasons for wanting the job, and instead simply analyses the structure of his DNA (Le Breton 2004, 18).

Segundo o autor, essa visão do mundo necessariamente impossibilita um sistema de moralidade porque a figura do sujeito simplesmente não tem profundidade ou substância o suficiente para ser responsabilizado por seus atos. O próprio humano é apagado no curso desse rebaixamento do *self*. Dessa forma, critica essa espécie de destinação geneticamente programada, pois considera que a discriminação genética confunde genótipo e fenótipo, virtual com real, a mensagem genética e o funcionamento do organismo, as estatísticas e a realidade dos indivíduos. A predisposição genética para uma doença não é um destino, nem é também evidência da doença ela mesma, ela é uma indicação de uma probabilidade (Le Breton 2004). É nesse sentido que a identificação dos indivíduos deixa de estar atrelada a um elemento externo e presente (o rosto), para

7. Termo utilizado pelo próprio diretor para se referir à forma como os empregados de *Gattaca* são admitidos.

passar a se concentrar no microscópico e no que ainda não ocorreu, porém que tem possibilidade de existência no futuro (como a predisposição a doenças). Isso é bastante perceptível no diálogo entre Vincent, seu pai e sua mãe, quando os últimos estão tentando dissuadir o personagem principal de tentar um emprego em Gattaca, lembrando-o da sua probabilidade de 99% de chances de morrer por um ataque cardíaco:

Mãe: — Você tem de ser realista. Com seu problema de coração...

Vincent: — Mãe, há uma probabilidade de eu não ter nada.

Pai: — Uma em 100.

Vincent: — Eu vou arriscar, ok?

Mãe: — Só que eles não vão (Niccol 1997).

Ao que parece, a sociedade retratada em *Gattaca* se assemelha muito da que Le Breton coloca como próxima de existir:

a near future in which a minority of individuals with carefully selected and manipulated genes will dominate a population that is ‘natural’, and therefore ‘inferior’, from a biological point of view. For Silver, the risk of there being two human species in the future is entirely plausible given the inevitability of genetic engineering being applied to the embryo. The dignity of man⁸ will henceforth be the dignity of his genes (Le Breton 2004, 18).

Atrelada à questão da informatização dos indivíduos está a crítica que Le Breton (2004) realiza aos rompimentos das fronteiras entre ser humano e máquina. De fato, essa informatização completa do ser humano fica nítida numa situação apresentada pelo próprio Le Breton (2004): Walter Gilbert (um dos promotores do Human Genome Project) em uma palestra que proferiu, tirou um CD do bolso e disse para plateia: “*this is you*”. É como se a subjetividade humana estivesse dissolvida no seu próprio DNA. A questão que Le Breton (2004) coloca é a de que a crença de que o ser humano não é nada além da junção de um espermatozoide e um óvulo, e a noção de que a dignidade de um indivíduo é produto apenas de seu encadeamento genético – ao invés da forma como esse indivíduo é socializado, educado e das interações que traça ao longo de seu desenvolvimento – é “the most extreme expression of a strictly ‘informational’ conception of the human; a conception which actually robs

8. Aqui o autor utiliza “man” para se referir à “human”, que pode ser traduzido para “humano”. Aproveito para salientar que, como posicionamento político, toda vez que surgir a palavra “homem” para se referir a “humano” ou “humanidade”, ou ainda “man” para se referir a “human”, será puxada uma nota de rodapé para frisar a discordância com a utilização do gênero masculino como universal.

the human being of all dignity.” (Le Breton 2004, 3). O autor, ao criticar a informatização humana, critica também (sem separar esses dois pontos) o pós-humanismo, afirmando que este seria puramente técnico e inteiramente utilitarista, caracterizado por um desejo de aprimorar o ser humano partindo exclusivamente de uma perspectiva técnica – não de modo a aumentar a qualidade de vida, mas para progredir em termos de racionalidade, performance ou simplesmente proveito econômico.

The transmigration of man⁹ into a perfected artificial body means that bionics has become a vehicle for genetic engineering, which in turn implies the interface of man and machine. These interventions are affecting the human race in the same way that agriculture has had an effect upon crops and livestock, which is to say the creation of artificial species narrowly designed for commercial reasons (Le Breton 2004, 17).

Para Le Breton, essa dissolução do sujeito tem sérias consequências tanto de um ponto de vista prático como de um ponto de vista moral, pois extermina o indivíduo humano concreto e as fronteiras delimitadoras da humanidade em relação tanto às máquinas como aos animais. A partir de autores como Bruno Latour (2005), podemos sugerir que a forma como Le Breton estabelece a percepção da relação entre corpo e máquina é uma forma moderna de pensamento (onde existem claras divisões disciplinares no fazer científico, por exemplo), na medida em que se apoia na distinção ontológica entre humanos e não humanos.

The notion of information (in the fields of biology or information technology) breaks down the distinctions between man¹⁰ and machine and paves the way for the humanization of artificial intelligence or genetic interventions. It also breaks with classical ontology, destroys distinctions of value between man and machine, and constitutes a major moral shift in contemporary societies. [...] The coming together of the living and the inert (the organic and the inorganic) under the aegis of information opens the way for a general indifferenciation, and points to the end of distinct biological kingdoms: man, animals, physical objects and the cyborg are no longer fundamentally distinct as they are in traditional humanism (Ibid., 2).

Diante das críticas e questionamentos colocados por Le Breton (2004; 2012) no que diz respeito à informatização do humano, à variabilidade da concepção de condição humana atrelada a interesses políticos, e mesmo

9. Aqui o autor utiliza “man” para se referir à “human”, que pode ser traduzido para “humano”.

10. Idem à nota anterior.

à própria alteração desta condição e das fronteiras dela delimitadoras, tratemos agora do posicionamento de Donna Haraway (2009) que, ao mesmo tempo em que segue uma linha de raciocínio paralela, contrasta em vários elementos e se ramifica por caminhos diferentes do posicionamento do autor acima.

A INFORMATIZAÇÃO DOS CORPOS COMO TRANSGRESSÃO

Vincent, após um banho minucioso, retira um recipiente de urina de uma geladeira e o amarra à coxa. Logo em seguida, insere uma gota de sangue em uma digital postiça e a cola, cuidadosamente na ponta de seu dedo indicador. Esses são os procedimentos rotineiros antes de ele ir à Gattaca, onde trabalha como pesquisador sob a identidade de Jerome (Niccol 1997, trecho de diário de campo).

Donna Haraway (2009) explora as relações emergentes de conexão íntima entre tecnologias e corpos – seja através da informatização, seja através do uso de próteses, seja no que se refere à revisão da concepção de condição humana – a partir da imagem do ciborgue. A autora usa o ciborgue para trabalhar com os cruzamentos de fronteiras, a habilidade de criação de quimeras, de entidades humanas-máquinas, comunidades virtuais, além de outras formas de vida social e biológica. De uma perspectiva que refuta os discursos de pureza ou de categorias naturais – no que faz referência à busca de um consenso sobre a condição humana – Haraway (2009) possibilita e propõe maneiras diferentes de analisar as formas como a subjetividade e a agência dos indivíduos estão sendo transformadas. O ciborgue, como artefato tecnológico e como ícone cultural, é central para compreender a relação entre corpos, tecnologias da informação e tecnologias usadas como extensões protéticas (Hogle 2005).

Haraway (2009) atenta, tal como Le Breton (2004), para a informatização do mundo. De acordo com ela, estamos em meio à transição “de uma sociedade industrial, orgânica, para um sistema polimorfo, informacional” (Haraway 2009, 59), de forma que está se operando um rearranjo das relações sociais nas áreas de ciência e tecnologia que estão alterando também as formas de dominação. Passamos “das velhas e confortáveis dominações hierárquicas para as novas e assustadoras redes que chamei de ‘informática da dominação’” (Ibid., 59).

Esta “informática da dominação” – bastante imbricada com o que já falamos sobre *informatização* dos sujeitos e do mundo –, ao rearranjar as formas de interação de seus sujeitos partícipes com eles mesmos e com outros elementos que lhes rodeiam, não está alterando a condição das coisas numa passagem binária de algo natural para algo artificial. Não

se trata de uma passagem de uma condição prévia, de algo que é tomado como dado ou inato para uma construção ou para algo artificial. Aqui as fronteiras entre natureza e cultura, entre natural e construído, assim como tantas outras começam a ser desfeitas, o que já começa a demonstrar o posicionamento da autora, que é contrária a uma classificação de humanidade como separada de animais e máquinas.

Grosso modo, a informatização do mundo poderia ser definida como

tradução do mundo em termos de um problema de codificação, isto é, a busca de uma linguagem comum na qual toda a resistência ao controle instrumental desaparece e toda a heterogeneidade pode ser submetida à desmontagem, à remontagem, ao investimento e à troca (Ibid., 64, grifo da autora).

Concomitante à ideia de informática da dominação, Haraway (2009) salienta como os ciborgues se mostram presentes tanto na ficção científica contemporânea como na medicina atual: criaturas híbridas entre animal e máquina, habitando tanto reinos naturais quanto artificiais. A autora propõe, com a reflexão sobre ciborgues, as vantagens em pensar uma confusão de fronteiras e de responsabilidade em sua construção.

O ciborgue é a imagem adotada porque através dele “a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou incorporação pela outra” (Ibid., 39). A totalidade de cada uma dessas demarcações, bem como a sua hierarquização, são questionadas. A defesa do privilégio humano, seja através da linguagem, do uso de instrumentos ou através do comportamento social, é rompida, posto que o ciborgue surge justamente da transgressão entre o humano e o animal, tal como entre a fronteira entre organismo e máquina, e a fronteira entre o físico e o não-físico. O mito do ciborgue de Haraway significa então “fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (Ibid., 45).

A explosão das dicotomias passa a ser então a arma política de enfrentamento dessa informática da dominação. Trata-se de abrir mão de uma identidade – seja ela a de humano, de máquina ou de animal – para se associar através do parentesco político, da afinidade e da coalizão. Os ciborgues, diz Haraway (2009), são filhos ilegítimos de determinadas práticas políticas, sociais e econômicas, das práticas de informatização que buscam sujeitar os indivíduos, dominá-los por meio de realidades desenvolvidas de acordo com interesses, de dualismos que são essenciais às práticas de dominação. No entanto, os ciborgues subvertem a ordem estabelecida pela reapropriação das ferramentas de dominação.

Se estamos em uma era de “informática da dominação”, os ciborgues se utilizam da escrita, da textualidade, dos signos que fazem a manutenção da hegemonia para reescrevê-la, reestruturá-la, recontá-la.

A escrita é, preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues – superfícies gravadas do final do século XX. A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo o significado de forma perfeita – o dogma central do falocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina (Ibid., 88).

São esses acoplamentos os responsáveis por subverter a estrutura e os modos de reprodução da identidade “ocidental”, dos dualismos de natureza/cultura, humano/animal, organismo/máquina, mente/corpo, divindade/humano. Para Haraway (2009), de uma determinada perspectiva, o mundo dos ciborgues pode significar a imposição absoluta de uma rede de controle sobre o planeta. De outra, um mundo de ciborgues significa “realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias” (Ibid., 46).

Enquanto Le Breton (2004; 2012) faz uma análise da informatização do mundo e pontua como aspectos decorrentes disso as implicações políticas e sociais, a cisão do indivíduo e de seu próprio corpo, e a alteração da concepção de condição humana – tomando este elemento como algo potencialmente perigoso –, Haraway (2009) também atenta para a informatização do mundo, para o que ela chama de “informática da dominação”, da qual emergem os ciborgues: entidades que não mais se atrelam à condição humana – e nem buscam a ela se atrelar – mas que se fluidificam uns nos outros pela sua metamorfose em dados, em escrita.

Os ciborgues de Haraway são os indivíduos que, diante da “informática da dominação”, não se deixaram abater, não lamentaram a perda de sua condição de humanidade, não choraram a sua transformação em informação; eles viraram do avesso a dominação usando para isso as próprias ferramentas de dominação e de manutenção da hegemonia. É como se os ciborgues dissessem: “fomos transformados em informação pura? Pois bem, usemos então esse rompimento de fronteiras para nos associarmos de novas formas, para rompermos também com as dicotomias violentas e que não dão conta do colorido que possuímos, tracemos rizomaticamente as nossas relações de forma a (re)estabelecermos conexões tanto com nós mesmos como com aquilo que escapa à espessura de nossa carne.”

Essa situação fica bastante pungente em *Gattaca*: Vincent – como já percebemos – está imerso numa sociedade em que sua vida, suas relações, suas possibilidades de existência estão atreladas à sua informação genética, que é tomada como parâmetro último de sua identificação. Tendo em vista essa forma microscópica de dominação, toma o material fisiológico de Jerome, um válido, para atingir seus objetivos profissionais. Nesse sentido, apropria-se das ferramentas de dominação (o material fisiológico, cujas amostras são continuamente colhidas e analisadas) para romper com a ordem estabelecida que o impedia de ser um astronauta e que possuía como forma de regulação justamente o material fisiológico. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos pensar no personagem principal de *Gattaca* como um ciborgue: por intermédio da tecnologia – o que aparece quando, após o encontro com Jerome, há um processo de transformação de Vincent (aumento de estatura, desenvolvimento de técnicas para burlar o controle etc) – é quebrada a fronteira entre Jerome e Vincent que passam a ter uma relação fluida, estando suas existências inclusive totalmente atreladas.

Diante disso, fica visível que o que Haraway propõe é que, já que não há como escapar da dominação pela informatização (como ocorre em *Gattaca*), que resignifiquemos então os instrumentos da dominação de forma a subvertê-los (como faz Vincent ao usar o material biológico de Jerome, descrito no trecho que inicia esse subitem). Seguindo esse raciocínio, a autora não critica e nem lamenta a reconceitualização de condição humana; antes provoca os que buscam proteger essa condição: “Por que nossos corpos devem terminar na pele? Por que, na melhor das hipóteses, devemos nos limitar a considerar como corpos, além dos humanos, apenas outros seres também envolvidos pela pele?” (Haraway 2009, 92).

Trata-se, pois, não de uma proposição de uma nova condição humana, e sim de uma nova condição de existência, que não se limita e nem busca se conter nas barreiras fisiológicas, morais ou materiais, ela transborda e se reconfigura constantemente – tendo como única característica essencial a construção interminável e contínua:

Não existe nenhum impulso nos ciborgues para a produção de uma teoria total; o que existe é uma experiência íntima sobre fronteiras – sobre sua construção e desconstrução. Existe um sistema de mito, esperando tornar-se uma linguagem política que se possa constituir na base de uma forma de ver a ciência e a tecnologia e de contestar a informática da dominação – a fim de poder agir de forma potente (Ibid., 98).

Ao mesmo tempo em que Haraway (2009) e Le Breton (2004; 2012) divergem no que diz respeito às saídas para romper com a dominação presente nos

processos de informatização – Le Breton (2004; 2012) indo ao encontro das críticas à tecnologização quase compulsória e Haraway (2009) criticando esses processos ao mesmo tempo em que propõe a apropriação subversiva das ferramentas de dominação – podemos aproximá-los no que tange às nuances dos sujeitos. Em *Gattaca* observamos a uniformização: o que se opera é quase uma ortopedia das subjetividades englobando todos os indivíduos numa mesma categoria normativa, deixando o colorido, cinza; o furta-cor, bege; os contrastes, neutralizados. O fato é, seja criticando a uniformização – atribuindo-a à interferência tecnocientífica nos corpos e, conseqüentemente na condição humana, como faz Le Breton (2004; 2012) – seja propondo novas formas de existência – possibilitadas pela informatização dos indivíduos e pela ressignificação desta, como faz Haraway (2009) – o fim último ao qual que se deseja o retorno – na quase nostalgia de Le Breton (2004; 2012) – ou o alcance num futuro próximo, senão no presente – através do ciborgue de Haraway (2009) – é o da retomada do colorido, da nuance, da conexão com o cosmos, consigo e os outros. Afinal, não é essa conexão, partida no “corpo moderno” de Le Breton (2012) a que é sugerida com o ciborgue de Haraway (2009)?

HUMANOS E CIBORGUES – CONEXÕES E ENTRECRUZAMENTOS (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Ao pensarmos em *Gattaca* de uma forma ampla, vemos como o filme está colocando em debate uma espécie de disputa pela salvação da humanidade entre a tecnociência e a retomada de uma humanidade com caráter quase religioso. Percebam: o enredo de *Gattaca* coloca situações de uma sociedade futura em que as imperfeições do humano – advindas do corpo – foram corrigidas. A história do filme se desenrola e a tecnociência, que antes fora mostrada como panaceia da existência, passa a ser tomada como ferramenta de controle, como regulação dos indivíduos e como, em consequência dessas ações, alteradora da condição humana e mesmo destruidora dela – como é possível observar na trajetória de Jerome, que mesmo na condição de ser humano “aperfeiçoado” tenta suicídio.

Nesse sentido, o que antes era a solução completa para os problemas da vida (o aprimoramento da existência) elevando-a quase a uma condição de divindade, passa a ser a fonte de desumanidade, a perda de uma essência que, no filme, é tomada como especial (como algo que dá sentido à vida e é substancial à manutenção do que nos caracteriza como humanos). No fim, o argumento do filme se aproxima de uma posição que considera a condição humana, apesar de imperfeita, algo de estimado valor.

Nesse sentido, *Gattaca* possui um posicionamento de quase nostalgia de um corpo pré-individualismo, pré-cisão cartesiana, por exibir um corpo associado ao humano que ele encarna, um corpo que não era tomado

como supranumerário, como objeto descolado do ser, um corpo que se conecta ao humano em si mesmo, aos outros e ao cosmos.

Le Breton (2012) considera que a relação do humano com o seu corpo é tecida no imaginário e no simbólico, ou seja, o corpo não é um mecanismo. Se a dimensão simbólica do corpo é excluída, o corpo estaria dissociado do sujeito tornando-se mero objeto manipulável, simples matéria-prima das transformações sociais de que é alvo.

Ficam perceptíveis, então, duas propostas de solução à incompletude humana causada pela dissociação dualista não apenas do espírito ou da alma em relação ao corpo, indo mais sutilmente do indivíduo de seu próprio corpo: uma vai ao encontro do que nos mostra o filme e da espécie de *nostalgia* que acompanha as ideias de Le Breton (2004; 2012) – a concepção de que precisamos retomar a condição anterior à cisão que se operou entre o indivíduo e seu próprio corpo e que configurou a existência do “corpo moderno” –, e a outra que converge com as ideias de Haraway (2009) de *ressignificação da tecnociência* e da criação de redes entre os sujeitos para que se rompa o individualismo cartesiano atrelado ao uso hegemônico da *informática da dominação*.

Le Breton (2004; 2012) posiciona-se em favor de uma preservação da condição humana que, em certa medida, está atrelada à proposta de se repensar as incisões tecnocientíficas no corpo e repensar as consequências sócio-estruturais que estão se operando em virtude da não reflexão sobre a informatização do mundo. Igualmente, sugere refletir sobre a incapacidade de se perceber o aspecto simbólico e não mensurável que ata indefinidamente o indivíduo ao seu corpo, e que, portanto, incide sobre a condição de humanidade. O alinhamento dessas ideias é o que perpassa também, de forma sutil, porém bastante visível, a proposta colocada pelo filme: a de uma crítica ao uso da tecnologia, posto que esta nos faz renunciar a condição humana, altera a aleatoriedade essencial à existência dessa forma de estar no mundo.

Em contrapartida às reflexões de Le Breton (2004; 2012), vislumbramos as propostas de Haraway (2009). Para a autora, não deve haver uma preocupação com a preservação de uma condição humana. Preservá-la seria fazer a manutenção de binarismos (como natureza/cultura, homem/mulher, organismo/máquina etc.). A *informática da dominação* é problemática, mas se nos apropriarmos dela e a ressignificarmos será possível não apenas vencer o dualismo cartesiano como também alterar as fontes dualistas (e superficiais) de opressão:

Em primeiro lugar, a produção de uma teoria universal, totalizante, é um grande equívoco, que deixa de apreender

– provavelmente sempre, mas certamente agora – a maior parte da realidade. Em segundo lugar, assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticiência, uma demonologia da tecnologia e, assim, abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes. Não se trata apenas da ideia de que a ciência e a tecnologia são possíveis meios de grande satisfação humana, bem como uma matriz de complexas dominações. A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas (Haraway 2009, 98-99).

O ícone de ciborgue engloba a ideia de que se pode escolher a própria personificação ou incorporação. Ao mesmo tempo em que o corpo se torna supranumerário, informatizado e separado do indivíduo que dele passa a ser o dono, há uma espécie de retorno a uma condição anterior a essa cisão corpo/indivíduo. Isso se dá porque o corpo torna-se um lugar de relações, e não um mero invólucro com agência. Nesse sentido, o corpo (com o rompimento das barreiras entre máquina, animal-humano e animal-não-humano) volta a se juntar ao indivíduo e, por que não, ao cosmos.

Para tentar deixar mais palpável o que estamos dizendo, organizamos o esquema na Tabela Le Breton/Haraway de modo a simplificar a visualização das relações à que nos propomos pensar:

tabela	Le Breton/ <i>Gattaca</i>	Haraway
Le Breton/ Haraway. Fonte: Halina Rauber- -Baio (2013).	Condição humana	A ser preservada
	Informatização do mundo	O autor denuncia os perigos
	Proposta para uma existência menos subordinadaao controle científico: retorno à existência anterior à cisão individualista
		A ser descartada
		A autora atenta para a <i>informática da dominação</i> e propõe (re)apropriação e ressignificação das ferramentas de controle
		...ao controle científico e aos dualismos: transformação dos sujeitos em informação de modo a romper as fronteiras ontológicas e mantenedoras de relações de opressão

Le Breton se aproxima do posicionamento final colocado por *Gattaca*, mas, ao mesmo tempo, há um posicionamento no filme que se relaciona ao que Haraway propõe se pensarmos na forma como o personagem Vincent subverte o controle microscópico ao utilizar o material orgânico de Jerome para alcançar seu objetivo de se tornar astronauta – Vincent é simultaneamente um ciborgue e um paradigma de ser humano intocado pela ciência. É nesse sentido que os autores realizam um debate correlato ao que é colocado no filme. Suas ideias colocam o mesmo tipo de problemática que a película, debate este no qual *Gattaca* se aproxima mais das críticas de Le Breton (2004; 2012), ainda que, em certa medida, se operem as apropriações características dos ciborgues de Haraway (2009).

Apesar das diferenças, parece-nos que, em última instância, as duas propostas estão convergindo para um mesmo ponto: é preciso pensar nas conexões e relações, dos sujeitos entre si, consigo mesmos e com os cosmos – incluindo aí, arriscamos dizer, todas as formas de existência, seja ela animal, seja ela mineral. Trata-se da simbiose com o mundo, não no sentido de uma uniformização, e sim de uma perspectiva enriquecida e enriquecedora, a busca por uma coarquitetura na construção de saberes e dos saberes sobre si próprio(a). Esse sentido de conexão fica nítido nas palavras finais de Vincent, em *Gattaca*, quando ele está prestes a deixar a Terra:

Para alguém que não foi feito para este mundo, devo admitir... de repente, está sendo difícil deixá-lo. Dizem que cada átomo do seu corpo, um dia, foi uma estrela. Talvez eu não esteja partindo. Talvez eu esteja indo para casa (Niccol 1997).

texto recebido 14.03.2016
texto aprovado 21.09.2016

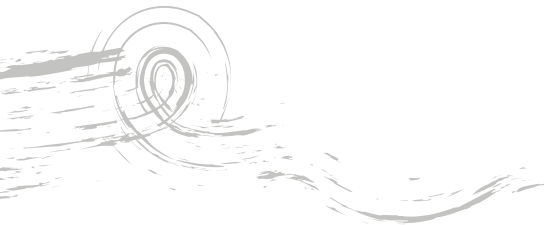
Trata-se da (re)tomada da capacidade de procurar os próprios nervos através da pele do mundo, tal como quem procura as raízes das árvores através da terra; trata-se de inundar o pulmão com o ar que ronda o planeta há séculos e de se permitir dançar em espiral com a poeira das estrelas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelman, Miriam, Amélia S. Corrêa, Lennita O. Ruggi e Ana C. R. Trovão (Orgs.). 2011. *Mulheres, homens, olhares e cenas*. Curitiba: UFPR.
- Boas, Franz. 2010. Os métodos da etnologia. In: _____. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 41-52.
- Durkheim, Emile e Marcel Mauss. 1979. Algumas formas primitivas de classificação, contribuição para o estudo das representações coletivas. In: Mauss, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva.

- Geertz, Clifford. 1989. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 25-40.
- Goffman, Erving. 1975. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- Haraway, Donna. 2009. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Kunzru, Hari, Donna Haraway e Tadeu Tomaz (Orgs.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 33-118.
- Hertz, Robert. 1980. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro: Tempo e Presença, n. 6, 99-128.
- Hikiji, Rose S. G. 2012. *Imagem-violência: etnografia de um cinema provocador*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Hogle, Linda. 2005. Enhancement technologies and the body. *The Annual Review of Anthropology* [online], n. 34, 695-716. <http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.anthro.33.070203.144020> (acessado em 29/01/2016).
- Ingold, Tim. 1995. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 28, 39-53.
- Latour, Bruno. 2005. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____. 2012. *Reagregando o social*. Salvador; Bauru: UFBA; EDUSP.
- Le Breton, David. 2004. Genetic fundamentalism or the cult of the gene. *Body & Society* [online], Nottingham, v. 10, n. 4, 1-20. <http://bod.sagepub.com/content/10/4/1> (acessado em 29/01/2016)
- _____. 2012. *Antropologia do corpo e da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Leirner, Piero de Camargo. 1992. Ficção científica: um mito moderno. *Cadernos de Campo*, São Paulo, ano 2, n. 2, 69-85.
- Mauss, Marcel. 2003. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 401-422.
- Muri, Allison. 2003. Of shit and the soul: tropes of cybernetic disembodiment in contemporary culture. *Body & Society* [online], Nottingham, v. 9, n. 3, 73-92. <http://bod.sagepub.com/content/9/3/73> (acessado em 29/01/2016).
- Niccol, Andrew. 1997. *Gattaca*. EUA, Sony Pictures, cor, 106'.



Rauber-Baio, Halina. 2013. *Da pele à película: corpos, ciborgues e divindades em uma análise antropológica dos filmes Gattaca e Equilibrium*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Strathern, Marilyn. 2006. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Unicamp.

Tylor, Edward B. 2005. A ciência da cultura. In: Castro, Celso (Org.). *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 31-45.

HALINA HAUBER-BAIO

Mestranda em Ciências Sociais na PPCIS da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Possui graduação em Ciências Sociais pela UFPR - Universidade Federal do Paraná (2013) na linha de Antropologia, onde desenvolveu a pesquisa intitulada “Da pele à película: corpos, ciborgues e divindades em uma análise antropológica dos filmes Gattaca e Equilibrium”. Pesquisadora na área de Antropologia do Corpo, Estudos de Gênero e Estudos Queer, é membro do Imagens, Narrativas e Práticas Culturais (INARRA) e atualmente investiga as relações entre temáticas apresentadas em filmes de Pedro Almodóvar e teorias antropológicas contemporâneas.

MARTINA AHLERT

Antropóloga e professora da Universidade Federal do Maranhão. Possui doutorado em Antropologia Social na Universidade de Brasília. Trabalha com temas relacionados à antropologia da política e religiões afro-brasileiras.